



## APROVADO NA USP: EXPERIÊNCIAS DO PROJETO AFROCIENTISTA NO CEFET-MG E A INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE ESTUDANTES NEGROS NO ENSINO MÉDIO DE ESCOLAS PÚBLICAS.<sup>1</sup>

*Geiseli Rita de Oliveira<sup>2</sup>*

*Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação-Linha de pesquisa Educação em Ciências, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.*

*Wiverton Iuri de Jesus<sup>3</sup>*

*Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Departamento de Geografia, São Paulo, SP, Brasil.*

**Resumo:** Gambiarras, afetos, histórias, ciências, tecnologias, inovações, ontologias, estratégias de existências e objetos são coletados para compor esse relato. Escrito em afroperspectiva e na proposição teórico-metodológica de escrevivência (Evaristo, 2007,s.p.), esse relato tem por objetivo descrever nossa dança-científica pelos becos, vielas e escadas na cabana do Pai Thomás, lugar de resistência na cidade de Belo Horizonte, e de onde, no âmbito do projeto Afrocientista (ABPN- Instituto Unibanco) as ciências não foram utilizadas como algo para ser aprendido, mas algo para se participar. Assim o aprendizado no âmbito do projeto Afrocientista foi incrivelmente nuançado pela relação co-constitutiva de estudante-comunidade-cultura-história. Por fim, encerramos esse relato em forma de manifesto para incentivo e investimento em projetos como o afrocientista, pois boas intenções não são suficientes, são necessários movimentos

---

<sup>1</sup> Nossos agradecimentos à Profa. Dra. Silvani Valentim – PPGET/CEFET-MG. Diretora de Relações Internacionais da ABPN e interlocutora nacional dos Projetos Afrocientista e Minas Negras da ABPN, sobretudo pela sugestão do título, incentivo e diálogos durante a produção deste artigo e realização do projeto com estudantes da Escola Estadual Geraldo Jardim Linhares no aglomerado do Cabana em Belo Horizonte.

<sup>2</sup> Bióloga e Professora (UEMG). Mestra em Educação Tecnológica (CEFET-MG). Doutoranda em Educação em Ciências (UFMG). Coordenadora executiva do projeto Afrocientista no CEFET-MG, na cidade de Belo Horizonte (2021-2022). Coordenadora de articulação nacional do projeto Minas Negras (ABPN- Skill for prosperity- 2022). E-mail: geisielirita@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0617-5894>.

<sup>3</sup> Bolsista do projeto Afrocientista da ABPN (2022), licenciando em Geografia na USP. E-mail: wivertoniuri@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-5451-0913>.  
Nossos agradecimentos à ABPN e ao Instituto Unibanco que apoia e financia o Afrocientista.



políticos, investimentos sociais e pedagogias que funcionem para as Ciências de fato se tornarem uma possibilidade para jovens negras/negros.

**Palavras-Chave:** Afrocientista; Relato de experiência; Ciências; Iniciação Científica.

**APPROVED AT USP: EXPERIENCES OF THE AFROSCIENTIST PROJECT AT CEFET-MG, BELO HORIZONTE AND THE SCIENTIFIC INITIATION OF BLACK STUDENTS FROM PUBLIC HIGH SCHOOLS.**

**Abstract:** Gambiarras, affections, stories, sciences, technologies, innovations, ontologies, stock strategies and objects are collected to compose this account. Written in Afro-perspective and in the theoretical-methodological proposition of *escrevivência* (Evaristo, 2007), this report aims to describe our scientific-dance through the alleys, alleys and stairs in Pai Tomás' hut, a place of resistance in the city of Belo Horizonte, and where, within the scope of the Afroscientist project (ABPN-Unibanco Institute) the sciences were not used as something to be learned, but something to participate in. Thus, learning within the scope of the Afrocientistas project was incredibly nuanced by the student/community/culture/history. Finally, we ended this report in the form of a manifesto to encourage and invest in projects such as the Afroscientist, because good intentions are not enough, political movements, social investments and pedagogies that work from the inside are needed for the sciences to actually become a possibility for the black youth

**Keywords:** Afroscientist; Experience report; Science; Scientific Initiation.

**APROBADO EN LA USP: EXPERIENCIAS DEL PROYECTO AFROSCIENTIST EN CEFET-MG, BELO HORIZONTE Y LA INICIACIÓN CIENTÍFICA DE ESTUDIANTES NEGROS EN LA ENSEÑANZA SECUNDARIA EN ESCUELAS PÚBLICAS.**

**Resumen:** Gambiarras, afectos, relatos, ciencias, tecnologías, innovaciones, ontologías, acciones estratégicas y objetos son recogidos para componer este informe. Escrito en perspectiva afro y en la proposición teórico-metodológica de la escritura (*Evaristo, 2007*), este relato tiene como objetivo describir nuestra danza-científica a través de los callejones, callejones y escaleras en la choza de Pai Tomás, lugar de resistencia en la ciudad de Belo Horizonte, y de donde, en el ámbito del proyecto Afrocientífico (ABPN-IU), las ciencias no fueron utilizadas como algo para aprender, sino para participar. Así, el aprendizaje dentro del alcance del proyecto Afrocientistas fue increíblemente matizado por el estudiante/comunidad/cultura/historia. Finalmente, cerramos este informe en forma de manifiesto para incentivar e invertir en proyectos como el Afrocientífico, porque no bastan las buenas intenciones, se necesitan movimientos políticos, inversiones sociales y pedagogías que trabajen desde adentro para que las ciencias se conviertan en realidad. una posibilidad para mujeres jóvenes negras/negras.

**Palabras-clave:** Afrocientífico; Informe de experiencia; Ciencias; Iniciación Científica.



## APPROUVÉ À L' USP: EXPÉRIENCES DU PROJET AFROSCIENTIST AU CEFET-MG, BELO HORIZONTE ET L'INITIATION SCIENTIFIQUE DES ÉLÈVES NOIR DANS L'ENSEIGNEMENT SECONDAIRE DANS LES ÉCOLES PUBLIQUES.

**Résumé:** Gambiarras, affections, histoires, sciences, technologies, innovations, ontologies, stratégies boursières et objets sont collectés pour composer ce rapport. Rédigé en afro-perspective et dans la proposition théorico-méthodologique d'écriture ( Evaristo, 2007), ce rapport vise à décrire notre danse-scientifique à travers les ruelles, les ruelles et les escaliers de la cabane de Pai Thomás, lieu de résistance dans la ville de Belo Horizonte, et d'où, dans le cadre du projet Afroscientist (ABPN-IU), les sciences n'étaient pas utilisées comme quelque chose à apprendre, mais quelque chose à participer. Ainsi, l'apprentissage dans le cadre du projet Afrocientistas était incroyablement nuancé par l'étudiant/la communauté/la culture/l'histoire. Enfin, nous avons terminé ce rapport sous forme de manifeste pour encourager et investir dans des projets comme l'Afroscientist, car les bonnes intentions ne suffisent pas, il faut des mouvements politiques, des investissements sociaux et des pédagogies qui fonctionnent de l'intérieur pour que les sciences deviennent réellement une possibilité pour les jeunes femmes noires/noires.

**Mots-clés:** Afroscientifique; Rapport d'expérience; Les sciences; Recherche scientifique.

### AWỌN ỌNA IBÈRÈ<sup>4</sup>- CAMINHOS INICIAIS.

Gambiarras, afetos, histórias, ciências, tecnologias, inovações, ontologias, estratégias de existências e objetos são coletadas para compor esse relato. Em contra narrativa este relato é escrito em afroperspectiva e se adequa à proposição teórico-metodológica cunhada pela escritora Conceição Evaristo (2007,s.p.), denominada escrevivência.

Conclamando a insubordinação necessária que deve ser feita à colonialidade, que insiste em demarcar modelos e estilos de texto que podem ser considerados válidos cientificamente. Embora nos sejamos fieis ao material etnográfico que mobilizamos aqui, este material é exaustivamente teorizado e tornado útil para a argumentação deste artigo e assim articular (Haraway, 1992,s.p.) preocupações coletivas. Assim, antes de aventurar-se pelas costuras feitas para essa produção, gostaríamos de lembrar que a escrita desse texto ocorre tanto em primeira pessoa do singular quanto na terceira pessoa do plural, contudo, sempre situamos a/o leitora/leitor.

Utilizamos a terceira pessoa do plural, pois neste relato articulamos coletivamente algumas questões e assim o fazemos como iniciativa para honrar nosso coletivo. Nos

---

<sup>4</sup> Tradução livre Iorubá para caminhos iniciais



sentimos mais confortável em dizer que nas palavras impressas nesse relato, as/os estudantes são como co-escritores, os diálogos co-gerativos, foram enquadrados, ou pelo menos tentados a serem enquadrados, fora da estrutura de poder da sala de aula para permitir que todas as vozes fossem ouvidas igualmente. Mudamos de percursos inúmeras vezes, para que nossas práticas “fizessem sentir e fizessem sentido” e que assim as/os estudantes pudessem ver e sentir os fenômenos de maneira diferente.

Fugindo de uma ciência eurocêntrica-excludente, optamos por nos enveredar, lançar olhares e tocar tambores para nos despertar dos sonambulismos disciplinares-institucionais-brancos e deitar atenção sobre a potência irruptiva do povo negro em resistir a exclusão das possibilidades, e que aqui damos foco as ciências: lugar de ser, estar e fazer.

Acredito que para situar a/o leitora/leitor faz-se importante discorrer que o CEFET-MG, instituição sede do relato aqui impresso é uma instituição multicampi, e as atividades do projeto Afrocientista acontecem em duas cidades, à saber: Belo Horizonte e Curvelo. Nesse relato apenas as atividades realizadas em Belo Horizonte, são apresentadas. Participaram ativamente do projeto doze estudantes, regularmente matriculados na Escola estadual Geraldo Jardim Linhares, sendo cinco meninas e sete meninos. Destes apenas cinco eram bolsistas do projeto, ou sejam recebiam um valor mensal para participar das atividades do projeto. Os outros estudantes eram voluntários, pois já faziam parte de outro projeto que acontecia na mesma escola<sup>5</sup>.

Em vista disso, esse relato tem por objetivo, descrever nossa dança-científica<sup>6</sup> pelos becos, vielas e escadas do Cabana do Pai Thomás, lugar de resistência na cidade de Belo Horizonte, e de onde, no âmbito do projeto Afrocientista (ABPN-IU) as iniciações científicas ocorreram.

O Aglomerado Cabana é formado pelas comunidades do Cabana do Pai Tomás, Gogó da Ema, Casinhas e segmentos de alguns parte de outros três bairros que fazem limite a este: Vista Alegre, Madre Gertrudes e Nova Cintra. Está localizado na região Oeste de Belo Horizonte, possui uma área de aproximadamente 550.000 m<sup>2</sup>, com uma população estimada de quase setenta mil habitantes, segundo o Censo 2010, assim, é uma das favelas mais povoadas do Brasil. Sua história é marcada pela luta pela terra.

---

<sup>5</sup> Tal projeto também articulava as ciências e tecnologias africanas e afro-brasileiras.

<sup>6</sup> Aqui utilizo o termo dança- científica, pois, as ações assemelharam-se a uma dança cadencia pelo contexto local e social, com passos ora lentos e desconcertado, outrora rápidos e ordenados, sem linearidade.



A organização social dos moradores sempre foi um ponto de destaque da comunidade, que hoje possui uma das mais antigas associações de moradores de Belo Horizonte, a Associação dos Moradores do Aglomerado Cabana – ASMAC, fundada em seis de junho de 1965. A história do Cabana se faz importante porque até ainda nos dias atuais é comum indagar-se sobre o contexto de onde esse lugar virou morada para as primeiras famílias.

No âmbito do projeto Afrocientista/CEFET-MG/Belo Horizonte, o fazer ciências não se constituía como algo para ser aprendido, mas algo para se participar. Portanto, o aprendizado foi incrivelmente nuançado pelo aluno/comunidade/cultura/história. Isso requereu uma pedagogia baseada na comunidade/cultural, em que as/os estudantes estavam inseridos e, portanto, usavam para ver o mundo. Nos baseamos aqui em uma pedagogia alicerçada em uma Práxis pedagógica antirracista, conforme proposto por Forde e Valentim (2012) quando apontam para:

A necessidade de uma ampliação epistemológica e pedagógica dos/nos currículos articulados a uma práxis pedagógica multiculturalista e afirmativa, a partir de um referencial teórico-metodológico que favorece aos professores e alunos produzirem outros sentidos acerca do legado negro-africano. (...) Sugere uma interdependência crítica entre ciência e cultura e a importância do resgate dos atores sociais enquanto protagonistas no debate em torno das questões étnico-raciais e afirmativas no Brasil (Forde; Valentim, 2012, p. 61)

Novamente nos nutrindo da seiva da escrita decolonial, no projeto Afrocientista no ano de 2022 nos enveredemos pelas ciências a céu-aberto, para almejar outros lugares, para além do Cabana. No que segue dividimos esse relato em três momentos respiros: No primeiro descrevo as ações do projeto Afrocientista em 2022, em seguida o segundo autor deste artigo escreve sua trajetória, chegada no projeto e sua aprovação no processo seletivo da USP. Para, enfim, encerrarmos advogando pelo incentivo e investimento em projetos como o Afrocientista, bem como na formação continuada e em serviço de professores/as, pois boas intenções não são suficientes. São necessários movimentos políticos, investimentos sociais e pedagogias que funcionem por dentro para as ciências de fato se tornarem uma possibilidade para jovens negras e negros estudantes de escolas públicas.



## ASSENTAMENTO<sup>7</sup>

A primeira vez que fui à África (...) a um Museu que tem em Angola, que eles chamam de Museu da Escravidão. E naquele lugar tinha uma pia e estava escrito na parede uma frase mais ou menos assim: "Foi nesta pia que os negros foram batizados e através de uma ideia distorcida do cristianismo, eles foram levados a acreditar que não tinham alma". Olhei pro meu parceiro e naquele dia entendi qual era minha missão. A minha missão, a cada vez que eu pegar uma caneta e um microfone, é devolver a alma a cada um dos meus irmãos e irmãs que já sentiram não ter vida. (Emicida, 2019,s.p.)

Assim como Emicida narra no trecho acima, eu, a primeira autora desse relato, fiz o compromisso de que cada vez que entrasse em sala de aula, pegasse o giz, os pincéis, livros e conhecimentos, era para devolver a autoestima das/dos nossas/nossos estudantes que já sentiram que a escola e a ciências não eram lugar para elas/eles. Esse compromisso não só perpassa minha práxis educativa como também foi seiva que nutriu nos processos educativos e formativos do projeto Afrocientista (ABPN- IU) no ano de 2022.

O ponto de partida foi o entendimento de que “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (Freire, 2011, p. 75). Ficamos com a segunda possibilidade proposta por Freire (2011), desmascarando a ciência que só existe com o jaleco branco, feitas por homens brancos, ricos ou por pessoas de genialidade reconhecida por outras pessoas igualmente brancas.

Nossas motivações de inserir em estudos como os das pesquisadoras Oliveira e Biar (2015,s.p.) cuja intencionalidade é a partir das práticas de IC contribuir para a desestabilização discursiva de preconceitos e estereótipos circulante em discursos etniconormativos e, ainda, iniciar um processo de reposicionamentos coletivos sobre as relações raciais nas escolas. Em minha práxis isso deu nos termos propostos por Oliveira, Souza e Valentim (2011,s.p.) onde o termo “validar” tem sentido pronominal de valorização da multicosemologias de ciências, tecnológicas, inovações e estratégias de fazer a vida afro-brasileiras.

---

<sup>7</sup> O termo assentamento aqui é utilizado para como intencionalidade de situar. O assentamento se configura também como encruzilhada. Subvertendo as grandes divisões dicotômicas do pensamento ocidental, o assentamento nos obriga a retomar a metáfora do ciborgue (Haraway, 2000, s.p.) como tecnologia essencial na construção cultural.

Percorrida minha trajetória pessoal e profissional, apropriei-me da necessidade política de que já não nos é dado arrear pé. Tomemos parte, então, nessa dança aberta, as cosmopolíticas (Latour, 2004, s.p.; Stenger, 2014, s.p.) do possível<sup>8</sup>! Assim compomos no ano de 2022 diversas atividades no âmbito do projeto Afrocientista, que foram se desenrolando até chegarmos a práticas de iniciação científica, não baseado no que eu, enquanto professora/orientadora, entendia como importante, mas nos pautando no que elas/eles entendiam como necessários pelas suas visões de mundo e futuro.

Inicialmente nos pautamos em uma abordagem híbrida, situadas em conhecer cientistas negras/negros e práticas de engajamento para que estudantes pudessem tornar-se cientistas negras/negros. Contudo, apresentar, explorar histórias e feitos por pessoas negras nas ciências, não causa identificação e/ou motivava esses estudantes de forma eficiente para as ciências. As/Os estudantes relatavam que aquelas/aqueles cientistas que eles/as estavam conhecendo eram/são pessoas diferentes, em épocas diferentes, e não surtia o efeito de pertencimento ou deslumbramento. O choque de realidade. Projetos pré-concebidos, práticas já realizadas em outros momentos na mesma escola, não abarcariam as especificidades requeridas por estas/estes nesse momento, um momento de retorno as aulas durante a pandemia Covid-19.

A desmotivação, não advinha de conhecer cientistas negras/negros, mas de reconhecer possibilidades próximas de se fazer ciências. Não os afetava, não fazia sentir ou fazia sentido conhecer grandes obras, grandes feitos, mesmo que fossem realizados por pessoas que eles poderiam se reconhecer fisicamente. As realidades e urgências pedagógicas de mobilizar como ecologia a realidade local, se perpassam com o aqui, com assentamento e com aterramento de ideias nesse solo de ocupação que é a Cabana no Pai Thomás, pois as necessidades são urgentes, um reflexo da desigualdade socioeconômicas, que faz com que as/os estudantes, tenham que contribuir com a renda familiar ainda muito jovens. O sonho só seria possível se pudessem serem plantados e regados aqui-agora.

Os questionamentos das/dos estudante trouxeram-me a noção da importância política de um projeto que não propõe a “salvar o mundo”, mas sim a produzir

---

<sup>8</sup> O conceito de cosmopolítica desenvolvido por Isabelle Stengers e Bruno Latour permite manter aberta a questão de quem e o que pode compor o mundo comum. Deste modo, cosmopolítica oferece uma ferramenta para se evitar as armadilhas da política razoável [reasonable politics], uma política que, definindo de antemão que as diferenças em jogo em um dado desacordo fazem referência a uma realidade única, torna possível deixar de lado algumas preocupações quando as define como irrealis e, portanto, irracionais ou irrelevantes. Aqui usamos uma reverberação do conceito para demonstrar uma performance situada a realidade local .



conhecimento sobre a realidade. Passei então a desejar compreender com as/os estudantes os processos de IC partir destas realidades e expectativas de futuro plurais.

Minha formação profissional teve então que ser arregimentada, para entendimento de que existem diferentes formas de fazer ciências, bem como de que meu jaleco e microscópio de bióloga não era maior ou melhor do que minha caneta como professora, em ambas vestimentas eu e ela/eles fazíamos ciência. De fato, um susto para elas/eles, conhecerem minha trajetória e entender minhas motivações, eu era uma cientista-professora-aqui-e-agora.

Assim, motivada a abrir algumas caixas-pretas<sup>9</sup> nos enveredamos então a aprender a reconhecer as ciências a céu aberto, aquela que acontece nas entrelinhas da sobrevivência marcada pelo racismo. A IC desses jovens começou explorando as gambiarras como objetos técnicos e reconhecendo a ciência que está próxima. Não basta encarar a ciência como uma mera ponte em direção à supertecnologia, aqui as técnicas e a tecnologia foram desemaranhadas para entendê-las como protótipos insubmissos, estratégias de fazer a vida.

A gambiarra é uma emenda improvisada, é fazer dá certo, normalmente por meio de sua combinação com peças de outros objetos. Desde lâ de aço na ponta da antena às construções e cálculos hidráulicos sofisticados para levar água às casas em terrenos íngremes e vielas estreitas, essa exploração propiciou que as/os estudantes conhecessem as ciências não-colonizadas em ação, para entender que a ciências se faz na construção, nas miudezas e reconhecesse cientistas e engenheiros do dia-a-dia. A ciência em sua função elementar de construir estratégias de fazer a vida.

Conhecer o território era importante. Partindo do Filme Pantera negra e da história das guerreiras de Daomé, a iniciação desses jovens na ciência, adquiriu uma nova roupagem, passamos a buscar “*Quantas wakandas existiam no Cabana*” e “*Quantas guerreiras de Daomé protegiam o Cabana*”. Além de histórias de resistência, memórias ancestrais, conhecimentos sobre plantas, bichos, coisas e fé, encontramos arte-ciência-política. Um dos exemplos de achados dessas pesquisas, diz respeito a um morador local que retrata a história do Cabana através de grafites, deixando viva a memória e a história

---

<sup>9</sup> Caixa-preta é descrito aqui como apropriação do postulado por Bruno Latour (1997). Não é só uma questão didática, mas ideológica, de promover um ensino que proporcione processos formativos que entendem que a ciência não é importante porque descobre verdades imutáveis e universais, mas porque articula a realidade através de uma extensa e complexa rede de actantes (humanos e não-humanos).



daquelas/daqueles que construíram essa comunidade. Na figura 01, abaixo, esta pesquisa é resumida em imagens.

**Figura 1:** Fotografias das saídas de campo e achados das pesquisas “*Quantas wakandas existiam na Cabana*” e “*Quantas guerreiras de Daomé protegem/protegem o Cabana*”



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa, 2023.

Munidos do sentimento de pertencimento, ponto de intersecção comum em todas/todos estudantes, as iniciações científicas fizeram emergir práticas de engajamento (Barad, 2003,s.p.). As/os estudantes através de técnicas de pesquisa engajam em emaranhados tecnocientíficos<sup>10</sup> em buscas de produção de conhecimento acerca de assuntos que lhes despertavam interesse<sup>11</sup>, onde identidades discretas performam o tornar-se estudante-cientista. Algo nascido de engajamentos relacionais situados tanto dentro da escola, quanto fora desta. Portanto o que os alunos imaginaram, investigaram e

<sup>10</sup> Tecnociências aqui diz respeito a amalgama entre ciências e tecnologias.

<sup>11</sup> No ano de 2022 tivemos como temática de iniciação científica júnior: Milton Santos e território, moda africana e produção de tecidos, cabelo como questão política, telecomunicação e africanidades, cosmetologia e ciências africanas e afro-brasileiras.



descreveram foi reconhecido e validado - no sentido pronominal- como o cerne de todos os processos educativos e formativos do projeto Afrocientista no ano de 2022.

Começando com as gambiarras e terminando em práticas de engajamento, acredito estar diante de uma estratégia que nos permitiu virar de cabeça para baixo a convenção da passividade de estudantes na produção da ciência escolar, ou seja, aquela que é produzida no interior da escola. Uma consequência disso é que às vezes é difícil fazer interpretações diretas. Houve enigmas e perguntas sem resposta. No entanto, não vemos como objetivo desta sessão fornecer respostas claras, mas sim apresentar a descrição de algumas atividades e processos formativos desenvolvidos, apontando maneiras afirmativas de intervir e combater as teias do racismo, que afastam jovens negras/negros do fazer ciências. A ciência não é algo que está lá fora, para ser aprendido, mas algo para se participar.

### AMPLIANDO LIMITES

Depois de descrever, ainda que brevemente algumas das ações do projeto, nas linhas que seguem descrevemos e escrevemos uma das grandes conquistas que obtivemos. Tomemos o Caso do Wiverton, segundo autor desse relato. Em sua redação para pleitear uma bolsa de estudos no projeto Afrocientista, ele descrevia como gostaria de ampliar seus conhecimentos, entender melhor sobre o mundo e estar de frente no combate ao racismo, que ele sentia na pele, no cabelo e corpo desde muito cedo.

Wiverton vestiu a camisa do projeto, dando palestras, ministrando workshops para os estudantes da sua escola e de outras escolas. O fragmento a seguir é retirada de uma atividade sobre racismo ambiental e demonstra a potência do estudante, com uma escrita fluida que arregimenta diversas questões históricas e sociais, ao mesmo tempo que questiona o racismo:

Pensar em destruição no nosso mundo, é pensar em chamas, buracos, a não finalização de sonhos e, a deterioração do que já foi uma história. Na visão do sujeito que está na condição de um povo que não parou no 1800, é a atualidade, a redenção daqueles que nunca tiveram levante. A resistência da favela, do Cabana, não é só o retrato histórico da continuidade dessa tentativa de acabar com nosso povo, mas sim a continuidade do nosso processo de resistência no século 21. As chamas que queimam nosso mocambo, não só consome a estrutura, mas nossa essência, nossa cultura, nossa arte. Consome a sustentação dos



pilares da nossa subida em meio a manipulação daqueles que não carregavam o peso da rejeição não justificada, mas mesmo assim nossas cabanas estão de pé, com seus buracos, suas fissuras e todas suas artérias expostas.

Muitos de nós não resistiu a toda essa opressão, mas mesmo assim muita vida floresceu a partir de sua base, é que as vezes é difícil passar e não notar a dor de tantos sonhos e desejos perdidos, e com a visão que “a culpa foi nossa por não conseguir surgir a partir do modo ninguém.” Crianças que ficaram em 2008 com sorrisos que refletiam sua inocência e o não conhecimento de como os próximos anos os desgastariam tanto ao ponto de não servir para nada, apenas como reciclagem de um processo que não havia iniciado com eles.

Mesmo com tanta capacidade, com tanta vontade, muitos de nós se mantém atrás de muros, como restos descartados por outros, como estruturas não finalizadas de um eu que se mantém preso, não por não saber como tirar suas algemas, mas porque eles nos obrigaram contra nossa vontade, a mantê-las em nossas fortes mãos.

Mesmo que estejamos escondidos, em nosso lugar condicionado por outros, mesmo com toda deterioração em nossa estrutura, mesmo com todas tentativas de frustrar nossos sonhos, nosso levante está chegando, nosso grito de liberdade sempre irá ecoar em sua alma com toda intensidade, mesmo que seja três séculos após.

Enquanto filho de uma nação que vocês tentaram, e continuam tentando destruir, eu garanto a vocês, nós ainda seremos reis dessa terra! (Wiverton, 2022)

A Iniciação Científica do Wiverton foi sobre Milton Santos e geografias políticas. Estudar Geografia na universidade era o seu objetivo e enquanto escrevemos esse relato ele está desbravando os caminhos formativos da USP, buscando seu sonho: Ser Geógrafo do social. A cabana ficou pequena demais e as ciências se tornaram possíveis. Abro agora nesse texto espaço para que ele se apresente e narre sua trajetória.

### COM A PALAVRA WIVERTON IURI DE JESUS

Eu sou o Wiverton, tenho dezenove anos. Sou gay, negro, de baixa renda, que na minha trajetória de vida experienciei o abandono paterno, racismo, homofobia e senti na pele as desigualdades sociais e econômicas que assolam nosso país. Criei uma personalidade muito resistente, mas mesmo assim nunca deixei de ter esperança, de pensar em um novo mundo e de sentir orgulho de quem sou.

Eu fui bolsista do projeto Afrocientista em 2022. Hoje, março de 2023, já estou cursando meu primeiro período de Geografia na USP. Sai de Belo Horizonte com muito



medo, ansiedade e síndrome de impostor. A USP sempre foi meu ideal, geografia é o que sempre sonhei, hoje realizando esse sonho, ainda parece que estou andando nas nuvens.

O ponto base de eu ter me candidatado para pleitear uma bolsa do projeto Afrocientista foi pensar além do que eu já tinha em mente. Eu tinha o desejo de entrar na faculdade especificamente para cursar geografia, fui algumas vezes desacreditado, mas quando conheci o projeto, a proposta que ele tinha, reconheci que ali era meu lugar. Sempre me senti sozinho, no projeto encontrei um lar, encontrei possibilidades, e o mundo onde eu posso ser cientista e fazer ciência sem um jaleco, ou com ele.

Quando eu vivenciei o curso de iniciação científica (IC), todo aprendizado, investigações, eu fiquei encantado, e ainda mais certo de que eu queria mesmo cursar a geografia, principalmente para estudar as questões relativas a matriz africana e afro-brasileira, indo além do que somos acostumados a pensar sobre ciência. Na IC, fui apresentado aos estudos de Milton Santos, pois sempre deixei claro minha paixão pela geografia política. Hoje felizmente frequento um auditório dentro de uma das maiores universidades do país com o nome dele. E tenho colegas, tenho professores que trazem a base Milton Santos.

Pra falar de geografia política, eu reconheço de onde eu vim, a Cabana. Durante todo o período de atividade no ano de 2022, o projeto, trouxe como carga de conhecimento muitos saberes baseados na condição imposta a favela ao longo da história, que trouxe junto também todo sentimento de injustiça, dívida histórica e ausência de oportunidade, mas com empoderamento e motivos de orgulho a produção e valorização de cultura dentro de favelas, onde no Brasil é o espaço menos beneficiado em todo processo de organização da sociedade, mas que faz ciências, produz técnicas e tecnologias de subsistência.

Milton estudava o território, investigava coisas que também aprendi no Afrocientista: Não se limitar ao que estava planejado, expandir, negociar, aprender a estudar com coração e a dialogar com emponderamento.

Se eu não tivesse entrado no projeto, talvez eu não estaria aonde eu estou hoje com a visão que eu tenho e teria escrito todos os textos que escrevi, todas as pesquisas que fiz, todas as técnicas de pesquisa que me apropriei, refletido sobre minha realidade e rompendo com o racismo que me atrasa os passos, eu fui afrocientista e em quatro anos serei Geógrafo-afrocientista.



### UM BREVE MANIFESTO

Ó, quem aprende a escrever  
Conhece o peso da caneta (pois é)  
O poder, a dor, o prazer, o que for (o que for)  
O que sair dessa gaveta (aham)  
Entre os milhares de olhares (milhares de olhares)  
São milhões de frustrações (milhões)  
Todo orgulho e migalha engolidos (todo orgulho e migalha)  
Em trilhões de prestações (aham)  
E no trilho desse trem (trilho desse trem)  
Que balança mas não cai  
Igualzin trabalhador dentro dele (igualzin trabalhador)  
Equilibrei minhas emoções  
E compus o meu jardim flor da pele (flor da pele)  
Pelo menos, se sentir, emane  
E, de peito aberto, encare (o quê?)  
O tempo e suas artimanhas  
Temos o mundo, a vida  
Quase nada ou tudo isso junto  
O que se sabe sobre sonhos? (Djonga, 2019, s.p.)

Enveredar pelos corredores e encruzilhas acadêmicas inegavelmente é sentir o peso da caneta. Compomos nosso jardim, visceralmente na flor da pele e sabemos que não estamos sozinhos, nosso povo aprendeu a ser resistente e que mais do que acender, precisamos sempre voltar para buscar os nossos. Fazer ciências e sonhar com fazer ciências é de fato encarar de peito aberto as artimanhas do racismo encrustado em nossa sociedade. Temos o mundo e a vida e projetos que nos faz emaranhar nas ciências com jovens negras e negros nos podem nos dizer muito sobre os sonhos, sobre o sonhar coletivo.

Como nas linhas destinadas a esse texto, não seria possível descrever de forma a honrar a multidimensionalidade das atividades realizadas no projeto, seguimos o postulado por Barad (2003, s.p.) realizamos um corte agencial, que nos permitiu “espiar” dentro, contudo, não é possível dimensionar a potência do projeto Afrocientistas, nem narrar todos os êxitos que os processos formativos tiveram com as/os estudantes que participaram no ano de 2022. Porém, esperamos que esse relato breve, tenha sido capaz de rascunhar nossas práxis pedagógicas, as estratégias que utilizamos para conseguir



realizar uma pedagogia que funcionasse por dentro, que emaranhou as/os estudantes no fazer ciências e participar da Ciência.

A educação para as ciências tem um papel vital em ajudar a desenvolver uma sociedade igualitária, justa e antirracista. Precisamos trabalhar para combater o racismo na educação em ciências, aproximando o fazer ciências e participar das ciências de estudantes negras/negros. Entender o que é importante em cada localidade e contexto social, nós somos múltiplos, então é preciso abordagens múltiplas.

Projetos como o Afrocientista devem aflorar em todo país. Wiverton é hoje mais um exemplo de que a ciência é uma carreira profissional possível. Isto reflete para outros jovens de sua comunidade, abre mais um furo no racismo estrutural que teima em nos travar ou dificultar os passos. Desde o início do projeto em Belo horizonte (2021-2022) tivemos treze estudantes bolsistas. Todas/os foram impactadas/os positivamente e estão buscando seus lugares nas Ciências da Natureza, nas Ciências Humanas e Sociais, nas Exatas, nas Engenharias... E quantos outros não poderiam ter a mesma oportunidade?

Advogamos pela potencialização de projetos com foco em estudantes da educação básica, bem como na ampliação destes para re-formação de professoras/professores. Apenas boas intenções não são suficientes. Para nós, como professoras/professores, não basta apenas incluir cientistas negras/negros em nosso conteúdo. Além de se esforçar para garantir que estas/estas cientistas estejam nos currículos, a práxis dos professores também precisa ser isenta de preconceitos, dialogada com a realidade dos estudantes.

Isso significa questionar se as formas como ensinam são tendenciosas, bem como aprender a desenvolver uma cultura inclusiva em sala de aula. Os docentes devem se engajar na reflexão sobre suas próprias experiências racializadas, identidades, crenças e práticas de ensino e criar oportunidades para conversas centradas na justiça e apropriadas à idade e explorações de raça, racismo e justiça racial. Um método científico proativamente antirracista nos capacita a produzir melhores estudos, melhores intervenções, melhores políticas e melhores resultados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARAD, Karen. *Posthumanist Performativity: Toward an Understanding of How Matter Comes to Matter*. *Journal of Women in Culture and Society*, v. 28, n. 3, pp.801-831, 2003. *Cultural Studies*, p. 295–337. Nova York: Routledge, 1992.



DJONGA, Ufa. In: *O menino que queria ser Deus*. São Paulo: Ceia Ent, 2019. Faixa 06. (3m32s)

EMICIDA. Emicida – *AmarElo (álbum completo)*. YouTube, 2019. Disponível em [https://www.youtube.com/playlist?list=PL\\_N6VL1gm0aLlr0HQ6yl2lRXdSfuxMt-s](https://www.youtube.com/playlist?list=PL_N6VL1gm0aLlr0HQ6yl2lRXdSfuxMt-s) Acessado em: 10 de março de 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-2, 2007.

FORDE, Gustavo. H. A.; VALENTIM, Silvani. S. *Práxis pedagógica antirracista e afirmativa como princípio norteador dos currículos da educação profissional e tecnológica*. Tecnologia & Cultura. Ano 14, nº 20, p. 61-73, Jan/jun, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HARAWAY, Donna. *The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others*. In: GROSSBERG, Lawrence; NELSON, Cory & TREICHLER, Paula (Eds.).

LATOUR, Bruno. *Whose Cosmos, Which Cosmopolitics? Comments on the Peace Terms of Ulrich Beck*. *Common Knowledge*, v.10, p.450–462, 2004.

OLIVEIRA, Geisieli., SOUZA, Aracele ; VALENTIM, Silvani . O ensino de ciências e a desconstrução de noções biologizantes e pseudocientíficas sobre ações afirmativas: Em defesa das cotas raciais. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 13, n. Ed. Especi, p. 57–81, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1236>. Acessado em: 25 de abril de 2023.

OLIVEIRA, Talita; BIAR, Lina. Letramento(s), relações Étnico-Raciais e a Iniciação Científica para o Ensino Médio: A relação entre a produção de conhecimento e a transformação do espaço escolar. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S. l.], v. 7, n. 17, p. 82–101, 2015. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/73>. Acessado em: 25 de abril de 2023.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, v.69,2018, p.442-464.

*Recebido em: 27/03/2023*

*Aprovado em: 30/03/2023*